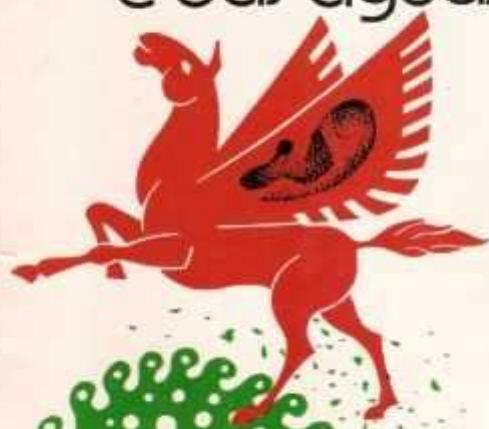


cântico para
o deus
dos ventos
e das águas



ADELMO
OLIVEIRA

Adelmo Oliveira

**Cântico para o deus dos ventos
e das águas**

(1987)

*Este livro é copyright de
© Adelmo José de Oliveira, 1987*

HOMEM DO MUNDO E DA HISTÓRIA

Este *Cântico para o deus dos ventos e das águas* do poeta Adelmo Oliveira me faz pensar em três categorias de homens: primeiro, os que de tal forma estão submersos nos cosmos e prisioneiros dos seus ritmos fatais, que não fazem história. Segundo, os que fazem, sim, *uma* história, mas eles mesmos não têm raízes no húmus do mundo. Finalmente, os que são comprometidos com a história, mas nem por isso são órfãos da mãe-natureza.

Os primeiros vivem nos ciclos naturais, alimentam-se dos frutos da terra, mas, como as estações, repetem invariavelmente, num presente sem futuro, os seus eternos passados. Seus mitos nutritivos são saborosos, mas fora do tempo, exilados da história.

Os segundos são os tecnocratas da atual civilização. A posse que exercem das coisas é um matricídio imolado às suas ideologias do progresso. E a sua triste história é seca e lucrativa, e torna-se mortal, quando apoiada pelas armas.

Só o terceiro grupo é capaz de história num universo amigo e respeitado. Suas utopias se enraízam no mundo e possuem dinamismos aptos a transformar a terra como um lar de sonho, de paz, de amor e liberdade. É que seus mitos têm a força das águas e a liberdade dos ventos, e o sabor dos frutos, mas encarnam, enérgicos, em corações presentes ao drama dos homens.

O poeta Adelmo Oliveira é bem destes, sem dúvida. Ninguém mais presente aos processos da história, uma história a criar segundo as utopias do Amor. Mas, por outro lado, ninguém mais sensível à fala das coisas, pois só se percebe a si mesmo e só percebe o senso do seu “estar aí”, ouvindo o que segredam os símbolos do cosmos, para neles derramar o seu lirismo.

Assim é que o vemos neste livro, onde soa a constante surdina da dominante “política”, a navegar na crista das ondas e a cavalo dos ventos, as mãos sujas de terra e um fogo no coração.

Não é isto, acaso, comungar com o Deus vivo que segundo os livros santos, “das suas cavernas tira os ventos” (Sl 134/135) e, neles montado, os

faz seus anjos: “Avanças sobre as asas dos ventos, e os tomas por teus mensageiros” (SI 103/104).

E se o poeta quer “inverter o crepúsculo para conquistar a luz do dia”, ele é uma imagem daquele que “transforma as trevas em aurora” (Amós, 8) e, acima do tempo, no lugar onde tudo é hoje, dá olhos ao poeta para, ao menos, desde já, conviver com “as larvas do futuro acontecido”, ele, poeta, um profeta secular.

Dom Timóteo Amoroso Anastácio

Mosteiro de São Bento da Bahia, Páscoa de 1984.

A poesia de Adelmo Oliveira une o clássico e o moderno. Se pratica o soneto – sem, no entanto, o rigor da tradição – o poeta faz igualmente o verso livre deixando nos poemas a certeza de que a poesia contemporânea vive bem com esta fusão.

O canto do poeta é plural e não poderia deixar de sê-lo. Tirar a riqueza de sentidos seria extrair a multiplicidade da existência empobrecendo o texto, o que certamente não houve. Contra a pobreza do verbo, contra uma árida visão de mundo, Adelmo Oliveira investe com sólidos recursos que lhe garantem a permanência da mensagem.

Nas quatro partes de *Cântico para o deus dos ventos e das águas* – Silêncio & Memória, Grito & Silêncio, O Menino & o Sonho, O Homem & o Sonho – os poemas se equilibram atingindo, porém, o ponto alto na segunda seção. Nestes textos nada se perde, tal a essência e a concisão. A dor, a tristeza, a solidão, a dupla face do confessionalismo tudo significa e valoriza este seu cântico rilkeano. Um autêntico cântico para os deuses da poesia.

Carlos Augusto Corrêa

UM POETA DA BAHIA

Baiano nascido em Itabuna, Adelmo Oliveira é um nome de há muito conhecido nos meios culturais de Salvador. É autor de *O canto da hora indefinida*, 1960, e *O som dos cavalos selvagens*, 1971, além de ser detentor do “Prêmio Nacional Luís Góngora”, com o ensaio “Góngora e o Sofrimento da Linguagem”, a comissão julgadora desse concurso tendo sido constituída de Manuel Bandeira, Austregésilo de Athayde, José Carlos Lisboa e Pio de los Casares.

Depois de figurar em antologias da poesia baiana, publica agora Adelmo Oliveira o seu terceiro livro de poemas, voltando assim ao “reino das estrelas eternas”, como ele diz em um de seus versos, ao espaço emotivo da palavra que o homem expressa através de signos para conhecer o mundo e o tempo.

Cântico para o deus dos ventos e das águas está dividido em quatro partes: “Silêncio & Memória”, “Grito & Silêncio”, “O Menino & o Sonho”, “O Homem & o Sonho”. Com os seus ventos e águas de eternas datas, esse cântico revela um poeta que em seu navegar solitário assume o gosto lírico da tristeza. Com o seu teor de irmandade no poema “Pássaro”, “As Bodas da Morte”, moralizante em “Bilhete a um Poeta”, ingênuo em “O Menino & os Pássaros”, sagrado no grave ritual de “Confissão”, um poeta que preza como tom fundamental de sua expressão lírica guardar a marca das distâncias. Flauta que toca a música de tristes claridades, filtra ausências com as suas sombras, queixas de antigas solidões, isolamento, cais, despedida. Mas longe de desesperar, “esse pranto o ponteio num poço de ondas e mágoas”, redime e conforta, canto que por nascer em paisagem solitária elucida no silêncio a rosa.

É uma poesia que se vincula à linhagem poética de tradição universal, em seus elementos mais presentes: o verso, a rima, a imagem, o uso do soneto, o subjetivismo. E moderna em sua expressão lírica, sem desvios técnicos de certa vanguarda, com seu ritual de dor, tristeza e solidão, conduz o poeta por “caminhos de orvalho”, através de sua dicção confessional converte-o “a uma seita antiga para o culto de deuses invisíveis”.

O cântico que Adelmo Oliveira fere nessas águas de sal, é vazado com solidariedade, equilíbrio de ventos ofendidos em seu tempo interior e dor pungente que corre no mundo. E a sua música não é artificial nem pieguista. Há em suas notas agudas o “eu” profundo que resiste a um mundo despido de ternura, a um ritmo veloz e absurdo que impele a criatura para uma zona ausente de esperança e compreensão. É um cântico que comove porque nele submerso o indivíduo como criatura triste, armadura frágil nos limites do próprio casco, “um pé no chão e outro no espaço”, emerge daquela região pura, embora perdida ainda gravita dentro de si a memória de cenas episódicas eternamente nuas. A voz que escorre desse cântico chega a mostrar de modo oportuno que na canção do viver/morrer lirismo e o lado social do homem podem conviver de mãos dadas.

Mas principalmente pode-se dizer que em *Cântico para o deus dos ventos e das águas* o poeta resgata o homem com mãos cheias de amor no “apito sonoro das distâncias”. Com voz subjetiva, tom de queixa na vida que passa, suporta em seu ermo o mito da inocência perdida.

Enfim, o leitor há de perceber nessas milhas feridas o eco de vozes oprimidas, rude vento de mar com melodia, rumor de madrugadas que se escondem solitárias e indefinidas.

Com o *Cântico para o deus dos ventos e das águas*, Adelmo Oliveira terá fora dos limites da Bahia a ressonância merecida de suas virtualidades poéticas. Ressonância que em “O Som dos Cavalos Selvagens” projetou o homem através de comprometida circunstâncias e aqui se presentifica com o gosto da tristeza assumida no mundo.

Cyro de Mattos

*Para
Maria das Graças,
meu amor pela vida inteira*

... à beira do mar infinito
Homero (*Ilíada*, Canto I)

SUMÁRIO

I – SILENCIO & MEMÓRIA.....	12
MEDITAÇÃO DO SILENCIO	13
ELEGIA DOS DEUSES	14
CANTIGA DE VIAGEM.....	15
PÁSSARO	16
QUEIXAS PARA ÉOLO	17
SONETO DA MORTE FINGIDA	18
CONVERSÃO DAS HORAS.....	19
II – GRITO & SILENCIO	21
FRAGMENTOS	22
AS BODAS DA MORTE.....	23
BILHETE A UM POETA.....	24
III – O MENINO & O SONHO.....	26
CANÇAO DO MENINO PRESENTE	27
APARIÇÃO	28
ESTRELA DE NATAL.....	29
MEU NATAL DE SEMPRE	30
O MENINO & OS PÁSSAROS	31
POEMA ANTIGO	32
IV – O HOMEM & O SONHO.....	33
SEGUNDA CANÇÃO DA BEIRA D'ÁGUA.....	34
FRAGMENTOS DE UM SONHO.....	35
TRAVESSIA.....	36
CONFISSÃO.....	37
VARIAÇÕES DO DIA	38
AMARALINA.....	39
A FLOR, A FLAUTA & O BANDOLIM.....	40

I – SILÊNCIO & MEMÓRIA

MEDITAÇÃO DO SILÊNCIO

Contra a dureza fria das máquinas
Contra o ruído cavo do mundo
Nasci para conquistar aldeias
E reunir as cidades e o campo

Profecia? Não serei profeta
– Grandes rebanhos do mundo moram
Em arranha-céus de arquitetura
E não pisam caminhos de orvalho

As almas ficam assim paradas
Que levantam estátuas de sombra
– Não respiram porque são de cera
– Já não se amam porque são de bronze

O gesto se perdeu no próprio eco
Cravado à fuligem das paredes
– A saliva em sal espuma a boca
E as palavras se petrificaram

Cedo, os corações se endureceram
Com setas de estruturas metálicas
– Só os operários da manhã
Acordam a sirene nas fábricas

O céu é um lacre azul de vidro
Que corrói as ânsias confinadas
– Ora é o tédio, ora é o delírio
Comprimindo o peito e a esperança

Inverterei agora o crepúsculo
Para conquistar a luz do dia
Profecia? Não serei profeta
– Não tenho ferida sob os pés

Sou pregador de antigas parábolas
– Sempre visito a porta dos túmulos
Não professo religiões mágicas
– Sempre aplaquei a ira dos tiranos

Profecia? Não serei profeta
Meu reino é o das estrelas eternas
– Minhas mãos não serão crucificadas
Entre a palavra, o mundo e o tempo

ELEGIA DOS DEUSES

Para Carlos Falck

Agora, as caravelas já partiram
– Neste cais um navio ficou em chamas
As águas negras batem-se contra as quilhas
Ao apito sonoro da distância

O porto está em ruínas. Embora iluminadas
As águas estão paradas e sombrias
– Velas acesas – Círios – Um tinir de cascos
Range de espera pela noite imensa e fria

Os marujos dos deuses ensanguentados
Já dormem num paiol de estrelas fixas
– Não há sorrisos nem flâmulas de prata
Navegando sobre as ondas desse mar infinito

A voz do mar é só um eco de espumas
Que não é brisa nem vento nem flauta
Mas ressoa no espaço cortado em luas
No mapa azul dos reis e argonautas

CANTIGA DE VIAGEM

*Para Carlos Anísio Melhor,
jogral e poeta agônico*

Sei que esta noite ainda é longa
E longa será
Navego na luz deste cerco infinito
– Sigo enquanto espero – e não me finjo
E canto e lento me faço caminhar

Sei que esta noite ainda é longa
– As estrelas dão vertigem no céu
Visto meu casaco azul de malha e saio
– De cavalo de pó e nuvem pelo espaço
À procura da face errante de Deus

PÁSSARO

*Para Carlos Pena Filho,
ausente*

Eu canto e se cantar por solidão
A rosa em mim floresce no silêncio
Ninguém perturbe a paz deste momento
Em cuja fantasia eu me transvio

Muito menos turve a água desta fonte
Que bebo para o instante inumerável
– Acaso sei de mim que transitório
Sustento um pé na terra outro no espaço

Sou, pássaro de pedra sou. Jamais
Neguei de expor ao sol meu corpo duro
– Tenho postura de animal correto

Falo também a mesma língua escrita
Irmão que sou de tua solidão
Oh navegante além da mesma rota

QUEIXAS PARA ÉOLO

Ilha ou presídio longe um barco acena
Agora navegando em outros mares
Antiga solidão a deste porto
– Isolamento e cais de eternas águas

Ânsias de liberdade mutilada
E larvas de futuro acontecido
– Manhã azul: A quilha sobre as ondas
Risca no mapa um novo itinerário

Navegar, navegar, constante infinda
E sempre navegar por mar e céu
– Outro porto virá além no tempo

Onde a tristeza e a solidão se apaguem
– Atrás, o barco deixa as águas negras
Afastando os perigos dos abrolhos

SONETO DA MORTE FINGIDA

Aqui, perto de mim, na minha vida
Meus olhos ficam cheios de poesia
– A estrela se debruça na janela
E a lua troca a noite pelo dia

Aqui, perto de mim, na minha vida
Corre um vento de mar com melodia
– Risco do mapa antigas caravelas
E a espuma se contorce em fantasia

Aqui, perto de mim, na minha vida
Há um cais. E junto ao cais, há um porto
E no cais e no porto a despedida

Levanto os ferros. A sirene apita
Um corpo bate na água e, então, gravita
Aqui, perto de mim, na minha vida

CONVERSÃO DAS HORAS

(Elegia)

*Para Vinicius de Moraes,
Amigo eterno*

De repente, a casa virou festa
A maré subiu na praia
– O santo desceu da cruz
Fez um sinal na testa
Olhou de lado – cuspiu no chão
E passou a contar e a repetir
As parábolas e os milagres que tinha feito

De repente, a aurora se repartia
Dando a cada criança um pedaço de suas cores
A outros ofereceu um quinhão de nostalgia
– Um bêbado inerte dormia na calçada
Entre cacos de sonhos de antigos carnavais
– A menina-moça deixou de ser virgem
E constipou o coração com seus primeiros amores

De repente, aquele amor ficou murcho
E o que era azul ficou triste
– O verde perdeu a esperança
– O cristal se fez opaco

De repente, os sinos da cidade dobraram
Nos arredores de velhas catedrais
– O morto não conseguiu chegar ao cemitério
E dispersou a multidão aflita
– As mulheres expulsavam de casa seus maridos
– Os homens pediam perdão às suas mulheres
Mas tudo isto era feito com “inocência e candura”

De repente, os cambueiros de setembro
Estalavam na esquina das montanhas
Relâmpagos, trovões e raios de chuva
Arrancando árvores e telhados de casas
Em redemoinhos de poeira e torrão seco
– As lâmpadas elétricas se apagavam
E todos, desapontados, iam dormir cedo

De repente, “mais que de repente”
Perdi o gosto lírico da tristeza
Mas ganhei a felicidade que invadiu a minha alma

E espancou todos os santos demônios
Que arruinavam o relógio do coração

II – GRITO & SILÊNCIO

FRAGMENTOS

Converto agora meu silêncio
Em travessia de palavras mudas
Levo notícias para os que sabem
E lição para os que desconhecem

Tenho cravos fincados nos olhos
E corrente pesada nas mãos
De Santa Cruz de la Sierra
Verto olhos d'água no chão

Es muerto el Comandante Che

AS BODAS DA MORTE

*Para Carlos Lamarca,
In memoriam*

Entre os frisos vermelhos da tarde
Eu canto a aurora

Nas colunas de mato e rebanho
Eu canto a aurora

Um fuzil pendurado entre arbustos
Eu canto a aurora

Eu canto a aurora

Uma estrela desmaia de sangue
Eu canto a aurora

E este tempo é um marco de prata
Eu canto a aurora

E esta morte é amarga e sonora
Eu canto a aurora

BILHETE A UM POETA

Olha, Capinam
chegando a Nova Iorque
não te esqueças

escreve um poema
(daqueles)
e manda pelo correio
Vê se as tristezas de lá
são iguais ou mais fundas
que as tristezas daqui

Sabe (e disto não te iludas)
– pelas notícias que tenho
de um amigo que lá esteve –
que há muito ladrão solto
pelas ruas e venidas
à espreita de fama
e de cenas tão vivas
quanto as letras de sangue
dos crimes de mistério da Rua Morgue

Levas contigo o telescópio?
Sei que montarás
– como navegante de rotas aéreas
um pequeno observatório
para a lua e para as estrelas
– Dizem até que o céu é de prata
além (e por cima) dos arranha-céus de vidro

Tira o primeiro domingo
e vai a Washington
e vê quantas manchas e sangue negro
salpicam os muros
as paredes
e os vitrais da Casa Branca

Escuta se chega
através do vento
do dia e da hora
o eco das vozes
oprimidas do mundo

(Onde se encontra
o radar eletrônico

da Agência de Informações?

– Um detector de mentiras
guardado em sete segredos
que capta a dor em alegria
o pranto em riso
a morte
a morte em vida?)

Ah Poeta andarilho
não te canses agora
aperta a mão de cada astronauta
mas procura nos parques
ou na Quinta Avenida
um jovem que tenha
no peito uma flor
E os Guetos? E as Guerras?
E a Bomba? E a Paz?

Nem te lembro
mas te confesso
que certo dia
morri dez vezes
quando William Calley
– o tal tenente Batman
destruiu com a morte
a vida
e os brinquedos
dos meninos de Mi Lay

E os mísseis?
Inverossímeis?

Não te perturbes, amigo
a hora explode toda em chamas

De tanto espanto
ódio conflito
as palavras se trituram
em pó. Em grito

Depois
antes de teu regresso
(máquina de filmar a tiracolo)
quero fazer-te um pedido
– Dá um pulinho à Ilha de Manhattan
para ver de perto
se a Estátua da Liberdade
continua de pé
ou caiu

III – O MENINO & O SONHO

CANÇÃO DO MENINO PRESENTE

Cada palavra é uma porta
E toda porta é um enigma
Não canto poesia morta
No leito estreito da vida

E canto, poeira e espuma
Amor punhal catavento
Canto as esporas da lua
Cravadas no pensamento

Oh lâmina do céu que arde
Oh dor que no tempo corre
Canto um menino que nasce
Distante de outro que morre

Não morre. O signo guerreiro
Crepita fagulhas e asas
– O peito expulso de medo
E as mãos cruzadas de espadas

O lábio rente e ferreiro
É um rio cortado de datas
A boca é pranto e ponteio
Num poço de ondas e mágoas

A voz é grito na praça
– Lanças agudas no peito
Aurora que se desata
Na fechadura do tempo

Fugiu agora a tristeza
Chegou na face à alegria
– Os deuses caíram mortos
Em cinzas de fantasia

APARIÇÃO

Na veia d'água
Ao pé do monte
Tem uma sombra
Atrás da ponte

Em duas pontas
O sol quebrado
Parte os sentidos
De um potro alado

Em puro sangue
O céu se banha
– Cristais de cores
De nuvem estranha

Até na grota
A cotovia
Crespa os cabelos
Da ventania

A natureza
Assim trabalha
Cortando as dobras
De uma mortalha

Na veia d'água
Ao pé do monte
Tem uma sombra
Atrás da ponte

ESTRELA DE NATAL

Quero ficar em silêncio
Na correnteza da tarde
Vendo a lágrima do tempo
Vertendo na minha face

– É um rio escuro e miúdo
Que em mim profundo deságua
Só meu lábio seco e mudo
Ouve o gemido que passa

Passa. E cada gota líquida
Em cristal se petrifica
Transparente como a vida
Que na morte se eterniza

Mas, dentro do lago, o poço
Dentro do céu, a medida
Espalha tições de fogo
Em teias de fantasia

Veste seu manto de chamas
– De penas bem coloridas
Faz de seu brilho esperança
De um pouco de cada dia

Põe labaredas nos olhos
Sai pelo mundo e caminha
E longe, já sol posto
Desaparece sozinha

MEU NATAL DE SEMPRE

Ficou na sombra a casa onde morei
As árvores do quintal, a ventania
E eu, pequeno ainda, me recordo
Quanto chorei, quando cantar devia.

Ficou no céu o tempo que sonhei:
Sapato de verniz dependurado
Num saco bem vazio de esperanças
Qual pacote amarrado pelo vento.

Não finjo o sonho em que me sustentei
No portal da janela de meu quarto:
As bolas de borracha coloridas
(Revólver de brincar de detetive).

Meus irmãos já tiveram as mesmas coisas,
Meus amigos, também, o que não tive.
A vida dá presente todo dia:
A dor que sinto agora, não sentia.

Ficou no rosto o traço que não tinha:
A solidão que sopra lá de fora.
Multiplico os minutos pelas horas
E tenho as mesmas horas repartidas.

Ganho, então, meu presente de lembranças:
Uma flor na lapela e meu cansaço.
Costuro mágoas e as transformo em ânsias
E corto a fantasia em mil pedaços.

O MENINO & OS PÁSSAROS

Para Tude Celestino

Certo que eu fosse menino
Vinha no sopro do vento
Pegar esses passarinhos
Nos quintais desse convento

Pulava o muro do canto
Pé descalço de mansinho
– Atrás do tamarindeiro
Vinha de corpo escondido

Pisava na grama verde
E olhava os galhos e os ninhos
– O coração sacudia
No céu que a tarde continha

Nunca vi tanto assanhaço
Bem-te-vi papo amarelo
Rolinhas gordas de pena
E os canarinhos da terra

(Minha capanga de balas
Meu bodegue de borracha
Meus olhos cheios de sonho
Minha alma cheia de nada)

Certo que eu fosse menino
Certo a saudade matava
Numa cova tão profunda
Pra não me banhar de lágrimas

POEMA ANTIGO

A lua no meu quarto invade
Branca, molhada de sereno
Entra na memória um caminho
Que termina onde fui pequeno

Vaga, de luz opala verde
Entra devagar pela rua
Do menino de calça curta
– Que idade eternamente nua

A vida, a vida passa mesmo
Nem sei quando isto aconteceu
Só sei que a lua vem bonita
Dizer que a infância já morreu

IV – O HOMEM & O SONHO

SEGUNDA CANÇÃO DA BEIRA D'ÁGUA

Cada poema tem seu dia
Na claridade da manhã
Na face lírica das águas
Na casca loura da maçã

Cada poema tem seu dia
No prisma, no sinal da cruz
Na estrela do mistério vago
Na vida das cores azuis

FRAGMENTOS DE UM SONHO

Sou itinerante
Não vou de encontro às distâncias
Minha alma é um vestir-se de quatro paredes

Se mudo de roupa todo dia
Ela se renova
Todas às vezes que miro o espelho

Sou um rio caminhando dentro de mim
Varado de peixe e moluscos
Líquido: olho-me de cima para baixo
Parado: beijo as flores do lago
Corrente: pinto as cores da manhã

TRAVESSIA

A tarde cai sobre as águas do Paraguaçu
– Meu amor descansa sobre os ombros
– A montanha descansa sobre os vales
A própria natureza se imagina
Uma visita na véspera da primavera

O campo aberto não esconde as amapolas
E ninguém espia o vigia na estrada
– O rio manso é uma longa espada de sol

(Não compro ilusões
Nem vendo alegrias
Não piso em flores
Nem espelho fantasias
Geradas pela máquina do tempo)

A tarde cai sobre as águas do Paraguaçu
– A noite chega na arquitetura das serras
E desenha potros de asa e cavalos de sombra

Dentro da noite
A madrugada espera
Dentro da madrugada
Os frisos vermelhos da aurora

CONFISSÃO

Tua palavra é um código
Que sai
 de tua boca
E queima os meus ouvidos

Teu gesto é um crucifixo de sinais
Que me converte
A uma seita antiga
Para o culto de deuses invisíveis

Não me toques
Te peço
Não me toques

Meu violino está surdo
E nada do que há em suas cordas
Poderá ser para sempre revelado

Vês? (Não te espantes)
Meus olhos estão secos
De tanto navegar
Por lugares desconhecidos

Minhas mãos estão crespas
 e apalpam
Os muros de silêncio
Que me perseguem
Com inscrições hierográficas

E eu te digo
 O raio
 que tanto fere
 me ilumina

Até a flor
que não tem espinho
me crucifica

Mas teu corpo é uma ânfora dourada
Que não se parte
E brilha nos arabescos
De ritmos orientais

Aproxima-te
Mas não me toques
Deixa que eu me vingue de olhar para o infinito

VARIACÕES DO DIA

Antes de dormir, eu sonho
Antes de acordar, eu rio
Antes de dançar, eu tombo
Antes de fingir, eu crio

Antes de esperar, avanço
Antes de correr, tropeço
Antes de morrer, descanso
Antes de passar, trafego

Antes de partir, não fico
Antes de chorar, não quero
Antes de pensar, não minto
Mas, depois de amar, desperto

AMARALINA

Venho cortando o vento da avenida
A estrela assim não veio e a ventania
Sacode as ondas contra o rosto e a fria
Madrugada se esconde indefinida

Neste mar não existe maresia
Neste mar não há mito nem segredo
Não era a aurora a luz que pressentia
Entre as dobras da espuma no rochedo

Era a face que via contra o espelho
Era o perfil azul dos teus cabelos
Gravados na memória da retina

Venho cortando o vento da avenida
No silêncio dos passos e da vida
– A flor que fui buscar na Amaralina

A FLOR, A FLAUTA & O BANDOLIM

Para

Raimundo Barros e

Pedro Figueroa,

Filhos de Orfeu

Saio com uma flor pela varanda
E digo num sorriso de criança
– Se finjo num suspiro de alma pura
Que sou feito de corpo e de esperança

Se eu sinto, digo ao sol e digo à lua
E digo ao mar que azula este verão
Mas logo a melodia se desata
E solta ao vento as letras da canção

A flor, ora crisântemo, ora lírio
É flauta. É margarida do delírio
Ou ciúme das cordas da paixão

Esta czarda é louca e enluarada
Pinta com um bandolim a madrugada
– O amor de mais eterna perfeição